

*ISABEL DE ARAGÃO,
A RAINHA MÉDIUM*

“Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade.”

I Coríntios, 13.13

Valter Turini,
pelo Espírito Monsenhor Eusébio Sintra

*ISABEL DE ARAGÃO,
A RAINHA MÉDIUM*

1ª edição

Casa Editora O Clarim

Matão-SP
2011

“Deus deu-me um trono para eu fazer a caridade...”

Isabel de Aragão, rainha de Portugal

1ª edição
6.000 exemplares

Junho/2011

Capa: Rogério Mota
Planejamento gráfico: Equipe “O Clarim”

Casa Editora O Clarim
(Propriedade do Centro Espírita O Clarim).
Fone: (0xx16) 3382-1066 – Fax: (0xx16) 3382-1647
C.N.P.J. 52313780/0001-23 – Inscr. Est. 441002767116
Rua Rui Barbosa, 1070 – Cx. Postal, 09
CEP 15990-903 – Matão, SP
<http://www.oclarim.com.br>
oclarim@oclarim.com.br

**ISABEL DE ARAGÃO,
A RAINHA MÉDIUM**

Dados para catalogação na editora

133.91

Valter Turini, pelo Espírito Monsenhor Eusébio Sintra

ISABEL DE ARAGÃO, A RAINHA MÉDIUM

1ª edição: junho/2011 – 6.000 exemplares

Matão/SP: Casa Editora “O Clarim”

480 páginas – 14 x 21 cm

ISBN – 978-85-7357-102-8

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

133.9	Espiritismo
133.901	Filosofia e Teoria
133.91	Mediunidade
133.92	Fenômenos Físicos
133.93	Fenômenos Psíquicos

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

Índice

<i>Palavras do Autor Espiritual</i>	13
<i>Capítulo I – Uma princesinha</i>	16
<i>Capítulo II – A morte de um rei</i>	29
<i>Capítulo III – Novos rumos</i>	42
<i>Capítulo IV – Tramas e traições</i>	56
<i>Capítulo V – Um atentado</i>	71
<i>Capítulo VI – Prepara-se uma guerra</i>	86
<i>Capítulo VII – Diante das dores do mundo</i>	99
<i>Capítulo VIII – Uma tragédia</i>	115
<i>Capítulo IX – Crenças e mistérios</i>	130
<i>Capítulo X – Dores e aflições</i>	146
<i>Capítulo XI – Em Portugal</i>	160
<i>Capítulo XII – A chegada de um herdeiro</i>	176
<i>Capítulo XIII – O nascimento de um varão</i>	189
<i>Capítulo XIV – Elos trocados</i>	205
<i>Capítulo XV – Reencontro com Constança</i>	220
<i>Capítulo XVI – O início de uma rebelião</i>	233
<i>Capítulo XVII – Revendo a terra natal</i>	250
<i>Capítulo XVIII – Lágrimas por Constança</i>	265
<i>Capítulo XIX – Questões de herança</i>	284
<i>Capítulo XX – Uma guerra na Itália</i>	300

<i>Capítulo XXI – Conflitos e traições</i>	316
<i>Capítulo XXII – Um príncipe rebela-se</i>	332
<i>Capítulo XXIII – Novos confrontos</i>	347
<i>Capítulo XXIV – Novas dissensões</i>	364
<i>Capítulo XXV – Confronto em Alvalade</i>	379
<i>Capítulo XXVI – Pães e rosas...</i>	395
<i>Capítulo XXVII – O adeus a D. Dinis</i>	411
<i>Capítulo XXVIII – A Formosíssima Maria de Borgonha</i>	427
<i>Capítulo XXIX – Maria e Afonso XI</i>	444
<i>Capítulo XXX – O adeus a Isabel</i>	459
<i>Epílogo</i>	472

Palavras do Autor Espiritual

A rainha Isabel de Aragão nasceu em Saragoça, no ano de 1271, onde então se encontrava a corte aragonesa. Era filha de Pedro III de Aragão, com Constança da Sicília, descendente da poderosa família Hohenstauffen da Germânia. Entretanto, a princesa Isabel não foi criada pelos pais, mas pelo avô, o então rei de Aragão, Jaime I, que se tomou de intensos amores pela neta, mal a viu, logo após o seu nascimento, e reclamou para si o privilégio de educar aquela formosíssima criança que se lhe mostrava tão especial.

A corte aragonesa, à época, era um dos principais centros político-culturais europeus, o que facultou à princesinha Isabel esmerada educação, junto ao avô, homem culto e sábio, que iniciou a neta, desde muito cedo, nas artes do governo. Como soía acontecer a poucas mulheres do seu tempo, Isabel de Aragão foi alfabetizada e ganhou vasta cultura, uma vez que, além de conhecer várias outras línguas, também dominava o latim, a língua internacional de então.

Isabel viveu em seu país natal até os doze anos, quando, em 1282, contraiu núpcias com o rei português, Dinis de Borgonha, passando, destarte, a ser rainha consorte de Portugal, até a sua morte, ocorrida na cidade lusitana de Estremoz, em 1325.

Desde muito cedo, Isabel de Aragão revelou-se criatura especial, dona de grande beleza e graça, além de excepcional caráter, que lhe granjearam a simpatia e a benevolência incondicional do avô, Jaime de Barcelona, e de toda a corte aragonesa.

Ao tornar-se a rainha consorte de Portugal, pelo seu casamento com o rei D. Dinis, também em terras lusitanas, a jovem rainha logo conquistava a simpatia de seus novos súditos, pela sua amabilidade, inteligência e, principalmente, pela piedade espontânea que a caracterizava, quando se deparava com os desafortunados do mundo.

Era comum vê-la, desde bem cedinho, acompanhada das suas fiéis damas de honor, a percorrerem as ruas das cidades onde se encontrava a corte – que, àquele tempo, não tinha local fixo a permanecer –, a distribuírem dádivas e a socorrem, com alimentos, com roupas, com tisanas e com curativos, os mendigos e os doentes que pululavam em todos os becos e desvãos das vielas e das ruas, em época quando ainda nem se cogitava sobre a criação de hospitais ou de despender-se qualquer tipo de assistência aos necessitados de toda ordem que, sobejamente, enxa-meavam por todo lado, vítimas da miséria extrema, das constantes guerras e das mais variadas epidemias.

Ao lado de altíssimo senso de caridade e de amor que lhe foram sempre espontâneos, a rainha de Portugal, como característica de espírito de larga envergadura moral como ela já o era, desde aquela época, ostentava, ainda, excepcional mediunidade de efeitos físicos, fato que a caracterizava como santa, uma vez que, então, nada se conhecia acerca dessa questão, pois o catolicismo ainda possuía a hegemonia sobre o Cristianismo e, as coisas atinentes aos fenômenos espirituais e anímicos eram tidas como milagres ou, ainda, dependendo das circunstâncias em que ocorriam, eram tomadas como manifestações demoníacas, e aqueles que apresentassem fatos dessa natureza tornavam-se passíveis de perseguição, aprisionamento e, de forma mais generalizada, submetidos a terríveis suplícios, seguidos de morte, preferencialmente nas fogueiras, a partir da bula *Licet ad capiendos*, editada pelo papa Gregório IX, em 20 de abril de 1233, a marcar o início da Inquisição.

Isabel de Aragão, entretanto, por sua posição e, principalmente, por demonstrar altíssima devoção, senso de caridade extremo, além de estrito respeito aos preceitos que impunha a seus féis a Igreja Católica de então, foi tida como santa e canonizada, em 25 de maio de 1625, pelo papa Urbano VIII, após longo processo investigatório, que se iniciou dois séculos depois da sua morte e perdurou por mais um outro, até que, finalmente, fosse concedida a sua canonização pela Santa Sé, a exatos trezentos anos após a sua desencarnação.

Sua existência como rainha de Portugal foi permeada por importantes fatos históricos, dos quais participou, ativamente, quando da configuração do Estado português, como nação independente e livre, da forma que se mostra, atualmente, além do estabelecimento do processo

de paz duradoura com os vizinhos castelhanos, nas questões de delimitação das fronteiras entre esses dois países, pelo tratado de Alcanises, firmado em 1297, e cujos conteúdos perduram até os dias de hoje.

Adorada pelos cortesãos e, mormente, pelos seus súditos mais humildes, D. Isabel de Aragão teve a sua vida marcada pelas importantes ações que desenvolveu em prol da paz entre os povos ibéricos e, de modo geral, a prover as necessidades mais prementes dos mais pobres, a propiciar-lhes pão, roupas e remédios e a empregar os rendimentos da fabulosa fortuna própria que detinha, sempre com o propósito de minorar as dores deste mundo. Ao fechar os seus olhos para aquela sua existência terrena, a piedosa rainha legava a seus súditos mais necessitados uma série de orfanatos, albergues, hospitais, conventos e igrejas, construídos com a sua participação direta e, para assegurar a sobrevivência dessas entidades, após a sua morte, deixava, em testamento, a maior parte da sua fortuna pessoal, garantindo, dessarte, que essas instituições não viessem a falir, por falta de socorro pecuniário.

E, para aqueles que não entendiam por que uma princesa de tamanha relevância trocava as esplendências e as delícias de uma corte rica e fabulosa – como o era a de Portugal, naquela época –, para viver entre os mendigos e os estropiados das ruas, ela respondia, com a simplicidade que lhe era natural: “Deus deu-me um trono para eu fazer a caridade!”

Assim revelava-se Isabel de Aragão, a vivenciar, em todos os momentos da sua existência, o que nos recomendou fazer o insigne Mestre Nazareno: “*Ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos...*”¹

Tupi Paulista, inverno de 2010.

Eusébio Sintra

1. Evangelho de S. Lucas, 14:13

Capítulo I

Uma princesinha...

Com passos leves, quase imperceptíveis, *Jaime de Barcelona*¹ aproxima-se daquela meninazinha de porte altivo e gracioso que, pondo-se à ponta dos pés e, altamente absorta, espiava a paisagem, a estender-se infinita, através da janela alta.

– *¿Qué miras, Isabelita?...*² – cochicha o monarca de Aragão ao ouvido da neta.

– *¡Oh, paye!... No te sintié plegar...*³ – responde a menina de olhos azul-claros e redondos. – Olhava o rio...⁴ Vê... Hoje, as águas parecem prata... À tarde, se voltares a olhá-las, parecer-se-ão com ouro líquido!... Não achas isso estranho, *paye*?

– Estranho?... – retruca, altamente vivaz, o rei de Aragão. – Não concordas que a palavra certa seria *maravilhoso*?... De manhã, temos um rio de prata; à tarde, temo-lo de ouro... Vês como somos ricos?...

– Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... – explode a menina, num riso inocente e cristalino. E, aproximando-se mais do rosto do velho monarca que, agora, já se lhe ajoelhava ao lado, pondo-se-lhe à mesma altura, e num sussurro, num cochicho mesmo, a pequerrucha segreda ao ouvido do avô: – E, à noite, já o vi de diamante!...

– Não me digas!... – exclama *Jaime de Barcelona*, fingindo-se altamente admirado. – Dessa cor ainda não no vi!... Oh, então estamos ainda mais ricos!... Os diamantes valem muito mais que o ouro ou a prata!...

1. **Jaime I de Aragão** (Montpellier, 2 de fevereiro de 1208 – Valência, 27 de julho de 1276), cognominado *O Conquistador*, foi rei de Aragão, Conde de Barcelona, Príncipe da Catalunha e Senhor de Montpellier, a partir de 1213; rei de Maiorca, desde 1276; rei de Valência, desde 1239 até a sua morte e, ainda, senhor de outros feudos na Occtânia.

2. “– *Que olhas, Isabelita?...*”, em aragonês.

3. “– *Oh, vovô!... Não percebi que chegavas...*”, em aragonês.

4. Referência ao rio Ebro, que banha a cidade de Saragoça, na Espanha.

– Deveras?!... – ri-se a menina, em sua inocência de pouco mais de seis anos de existência. – Então, acabas de descobrir que o teu tesouro é ainda maior do que pensavas!...

– *¡Mía pequeña rosa!...*⁵ – exclama o velho rei, rindo-se, a beliscar, amorosamente, a rúbida bochecha da neta.

Em seguida, o monarca aragonês abraça-se à menina e lhe acaricia, demoradamente, com a mão, a tez rosada e aveludada como o pêssigo maduro. Depois, levanta-se e, pensativo, e enquanto cofiava, com a ponta dos dedos, a longa barba prateada, põe-se a olhar o horizonte distante, que se abria, a partir daquela janela do Palácio de Aljaferia.⁶

– Em que pensas, *paye?*... – pergunta a pequena *Isabel*, quebrando o curto silêncio que se estabelecera entre ambos, ao mesmo tempo em que tomava a mão do avô e a beijava calorosamente.

– Oh, pensava em quanto és importante para mim...

– Mesmo?!... – diz a pequenina princesa de Aragão, abrindo largo sorriso que lhe deixou entrever uma fileira de dentinhos arredondados e alvos como a neve.

– Sim!... Não sabes o quanto a tua chegada iluminou a minha vida, *Isabelita!*... – exclama *Jaime de Barcelona*. E, com os olhos a inundarem-se de lágrimas, prossegue: – Antes de ti, tudo aqui era muito triste... Eu andava muito só. Tua avozinha⁷ já se tinha ido para o céu e eu, apesar de toda essa tribulação que sempre foi a minha vida – sabes que tivemos que expulsar os mouros, não?⁸ – eu me achava altamente desconsolado!... Não imaginas, *Isabelita*, o quanto a vida de um rei é difícil!... Há tantas coisas a resolver, tantos são os problemas que surgem...

– Entendo... – diz a menina, baixando os olhinhos claros e arredondados. Porém, em seguida e inesperadamente, como lhe era do feitio,

5. “– *Minha pequena rosa!*...” em aragonês. **Jaime I** costumava chamar **Isabel**, sua neta favorita, de “*minha pequena rosa de Aragão*”.

6. **Aljaferia** é um palácio fortificado, construído na segunda metade do século XI, na época de **Al-Muqtadir**, em Saragoça, para a residência dos reis hudes. Depois da reconquista de Saragoça, em 1118, por **Afonso I**, passou a ser residência dos reis cristãos de Aragão.

7. Referência à rainha consorte de Aragão, **Iolanda da Hungria** (1216 -1251), segunda esposa de **Jaime I**, morta de impaludismo, aos 35 anos de idade.

8. Em 1228, **Jaime I** iniciou a campanha de reconquista da Península Ibérica aos muçulmanos e, em 1229, a esquadra catalã partiu de Salou, Tarragona, para enfrentar **Abu Yahya**, o governador almóada e, após uma sucessão de intensas batalhas navais, anexou as ilhas Baleares Maiorca, Minorca e Ibiza e, em seguida, iniciou a vitoriosa conquista do reino de Valência, numa sucessão de batalhas, ocorridas de 1233 a 1238.

levanta o rosto, altivamente, e, a apontar um dedinho para o avô, diz-lhe: – Mas, não reclames!... Foi Deus Quem te fez rei de Aragão!... E, além do mais, tens os teus ministros e os teus guerreiros a auxiliarem-te!... *Ximena*⁹ vive a dizer-me que Deus não põe nenhuma carga a mais sobre os nossos ombros, além do que podemos aguentar!...

Jaime de Barcelona abre a boca, altamente espantado com os falares da neta. Aquela adorável menina de apenas seis anos de idade vivia a surpreendê-lo!... Ainda estupefato com a resposta da neta, olha em derredor, a rir-se, e se dirige a um dos gentis-homens, dos muitos nobres cavaleiros e damas da corte que enxameavam no grande salão do trono:

– Ouvistes bem, *Don Ramon*?... A infanta tem falas de gente graúda!...

– *¡Pro que sí, Señor!*...¹⁰ – responde o homem, a rir-se. – Sua Alteza pensa como adulta, apesar de ser tão jovenzinha ainda!

– E cremos que muito terá ainda a ensinar-nos a nós que já somos tão velhos, não é? – e se abre o rei em gostosa gargalhada à qual se somam uma trezena delas, dos que se achavam no salão do trono.

Somente a pequena *Isabel* não se ri. Mantém-se serena e sóbria, como costumava achar-se, na maior parte do tempo. O rei volta a sentar-se no trono, ainda a rir-se, enormemente, dos modos da neta. A menina mantinha-se inalterada e altiva, porém sem demonstrar o mínimo de empáfia, tão comum aos da sua estirpe; pelo contrário, apresentava sempre um olhar compassivo e bondoso. Após espiar, demoradamente, o céu, através de uma das altas janelas do salão, e muito desenvolta, a menina aproxima-se do trono.

– Com vossa permissão, *Señor*, retiro-me!... – diz *Isabel*, enquanto fazia longa reverência diante do avô. E, após beijar-lhe a mão e lhe solicitar a bênção, volta-se para o grupo de aias que se postava de pé, a um canto do enorme salão, e ordena, firme e resolutamente: – Vamos, *siñás!*... À capela!... Deus aguarda-nos!...

O séquito da princesinha de Aragão apresta-se, então, em seguir-lhe os passinhos firmes e determinados; uma dezena de gentis-damas enga-

9. *Maria Ximenes Cronel*, uma das aias de *Isabel de Aragão*, carinhosamente tratada por *Ximena*, pela princesinha.

10. “*– Acho que sim, Senhor!*...”, em aragonês.

lanadas e altivas, com altos chapéus de pontas, turbantes ou *fillets*,¹¹ a cobrirem-lhes totalmente os cabelos,¹² além de uma profusão de véus e de adornos nébulas a quase ocultarem-lhes as fisionomias, como era hábito à época.¹³

A capela do Palácio de Aljaferia achava-se mergulhada numa semiobscuridade, e o bruxuleante brilho dos círios pintava tudo de dourado; no alto da nave do pequeno templo, uma nuvem de incenso de mirra pairava lânguida e azulada.

A pequena *Isabel de Aragão*, resoluta como se já fosse uma dama semelhante às suas aias, ajoelha-se diante do altar, e se persigna, altamente contrita. Suas damas de honor seguem-lhe, sincronamente, os movimentos.

– *Ave, Maria, gratia plena, Dominus tecum...* – corta o silêncio da capela a vozinha da princesinha de Aragão, em fervorosa prece à Virgem Maria.

– *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus...* – respondem as aias, em coro.

E a tarde avança, lenta; morosas, as horas fluem, e o grupo de mulheres, genuflexas, na capela do Palácio de Aljaferia, sente os joelhos dormentes pelas horas seguidas naquela posição. Altamente agastadas, aquelas nobres damas entreolham-se, às raias do desespero. *Isabel* não se cansava nunca?...

– *Pater noster, Qui es in caelis...* – prosseguia firme a voz da princesinha de Aragão, infatigável, sem demonstrar o mínimo de abatimento.

– *Panem nostrum cotidianum da nobis hodie...* – respondiam as damas de honor, a entreolharem-se, já bem perto da exaustão. “*Então, ela não se cansa nunca?...*”, poder-se-ia ler-lhes nos olhares que se trocavam.

11. Adorno surgido no século XIII, que consistia em colocar sobre a cabeça duas tiras ocas trabalhadas, onde eram colocados os cabelos que tomavam a forma quadrada, deixando o rosto fechado numa moldura, contrastando com o adorno nébula arredondado.

12. Consideravam-se, ainda à essa época, imorais os cabelos femininos à mostra. Por essa razão é que se imagina tenham surgido tantas inovações para adornar os cabelos com a desculpa de ocultá-los. O véu costumava ser preso por um semicírculo ou um círculo completo de ouro, usado em volta da testa. Além disso, do final do século XII ao início do século XIV, usava-se a *barbette*, uma faixa de linho passada sob o queixo e puxada sobre as têmporas.

13. Na mesma época, usava-se também o *gorjal*, feito de linho fino branco ou seda, a cobrir o pescoço e a parte do colo e sendo, às vezes, enfiado dentro do vestido; as pontas eram então puxadas para cima e presas no alto da cabeça sob o véu, para emoldurar o rosto.

Isabel de Aragão continuava firme, ajoelhada sobre o chão de pedras, à frente do seu séquito que se postava, também de joelhos, a partir de dois passos atrás. O rostinho da princesinha prosseguia fixo na imagem da Virgem, esplendidamente entronada no altar-mor da capela. Seus olhinhos azul-claros faiscavam em êxtase, sem se desviarem um só instante dos beatíficos olhos de Maria...

“*Ai, Deus do céu!...*”, gemia em pensamento, *Maria Ximenes Cronel*, a aia favorita da princesa. “*Assim vou-me ao céu, mesmo que não queira!... Ai, Jesus, como me doem os joelhos!... Santíssima Mãe, abri os olhos dessa menina!... Dai-lhe sede, fome!... Ai, que me estouro de sede!... Oh, uma tacinha de vinho!...*”, e suspira, altamente desolada.

Pelos vitrais da capela, as aias percebiam que a tarde morria, e já vinha a noite e... *Ai, Deus do céu!...* O senhor clérigo viria bem depressinha para as vésperas e então!... Por Jesus Cristo, o *Kyrie!*... A interminável ladainha!... Cruzes!... Deus santíssimo, fazei essa criaturinha sentir fome!...

De repente, os sinos começam a badalar... “*As vésperas!... As vésperas!...*”, grita *Maria Ximenes Cronel*, em pensamento. “*Agora, só por misericórdia do Altíssimo!...*”

– *Kyrie eleison; Christe eleison; Kyrie eleison.*¹⁴ – ressoava a voz canônica do oficiante pela capela.

– *Kyrie eleison...*

Maria Ximenes Cronel cochilava.

– *Christe eleison...*

“*Ai, Deus do céu!... Isso não acaba nunca!...*”

– *Ximena!*...

– Oh, Alteza!... – brada a outra, a esfregar, sistematicamente, os olhos, com a ponta dos dedos.

– Dormias durante o *Kyrie, Ximena?!...* – censura-a a princesinha de Aragão.

– Oh, perdão, Alteza!... Perdão!... – exclama a jovem mulher, pondo-se de joelhos diante de *Isabel*. – Achava-me tão cansada!... Oh, sabeis como é, não, Alteza, a carne é fraquinha!...

14. Do grego: “*Senhor, tende misericórdia (de mim); Cristo, tende misericórdia (de mim); Senhor, tende misericórdia (de mim)...*”. A ladainha ou *Kyrie eleison* é uma celebração do rito católico que consiste em oração constituída de uma série de invocações curtas e de respostas repetidas.

– És por demais fraca, *Ximena!*... – diz-lhe *Isabel*. – As coisas de Deus requerem-nos muita fortaleza! Por que te deixas levar assim?... Vem, vamo-nos, é hora de dormir!...

“*Dormir?!...*”, pensa *Maria Ximenes Cronel*, estarrecida. “*E o bucho, meu Deus?... Ai, que me ardo toda de fome!...*”

– Mas, senhora, não vamos cear?... – arrisca-se a perguntar.

– Tu só pensas em comer, *Ximena!*... – responde-lhe a princesa de Aragão, enquanto caminhava resoluta, à frente do seu exausto séquito, em direção dos seus aposentos. – Não sabes que é saudável jejuar?... Jesus jejuava sempre, esqueceste?... – e arremata: – Além disso, estás muito gorda!... Oferece o jejum a Cristo e te sentirás melhor!... E nem perceberás a fome, eu te garanto!... – e, parando de súbito, a observar, atentamente, as vestes da aia, prossegue: – E mais: acho que não andas botando o teu cilício!... Estás com as ancas por demais redondas!... Engano-me, acaso, caríssima *Ximena?*

“*Ai, Deus, não!...*”, pensa a aia, altamente estarrecida. “*Ela descobriu que não ando a pôr aquela coisa abominável!...*”, e tartamudeia, a revirar os olhos de desespero: – Sim... Oh, Alteza... digo... não!... Tal coisinha faz-me sofrer tanto!... Parte-me as carnes, senhora, deixando-me toda roxa!... Ui, que já ando com as anquinhas todas lanhadas, em carne viva!... Dei-me um descanso, Alteza!... Um descansozinho, só!... Até que as feridas fechem-se!... Depois, juro-vos, senhora, voltarei a enlaçar-me com a amaldiçoada... quero dizer, tão bendita coisa que nos afasta dos pensamentos impuros!... Juro-vos!...

– *Ximena, Ximena!*... – diz *Isabel*, censurando a sua jovem aia. – Se te permites folgar sem o cilício, verás com que rapidez o diabo virá a solicitar-te favores!... Vê as demais aias, como andam apertadas, com o cilício a comer-lhes as carnes!... Espia bem *Dona Leonor*¹⁵ que, mesmo sendo casada, ser mãe e esposa prestimosa e bem mais velha que todas nós, não deixa o cilício de lado. E tu, que ainda és bem jovem e bela, poderás ser presa fácil de satanás, que nos ronda, noite e dia, com o único propósito de nos arrebanhar para o inferno!... Com tais coisas não se

15. Referência à **Condessa Leonor Afonso**, uma das aias da princesa de Aragão e filha bastarda do príncipe **Afonso**, tio de **Isabel**, primogênito de **D. Jaime I** e herdeiro da coroa aragonesa. **Leonor Afonso** era, na verdade, prima de **Isabel** e, desde 1286, era já viúva do segundo marido, **Gonçalo Garcia de Sousa**.

brinca, *Ximena!*... Amanhã mesmo, bem cedinho, quero-te a confessares e a comungares, na primeira missa, entendeste?

A aia baixa os olhos, com um fundo suspiro. O estômago judiava-lhe enormemente. Certamente, aquele seria mais um dia a encerrar-se, sem que nada tivesse mastigado desde a manhãzinha...

– Troquemos as roupas para dormir, Alteza – diz *Maria Ximenes Cronel*, altamente desolada. E, com a voz débil pelo jejum de muitas horas, prossegue, mal sofrendo teimoso bocejo: – Já anda a passar muito da hora de ganhardes o leito, senhora!... Ai de nós, se adoecerdes por tantos sacrifícios e jejun!... A força ser-nos-á pouca!

– Não sinto fome, *Ximena!*... – responde a menina. E continua, fixando o rosto da desconsolada aia, com um par de olhinhos vivazes: – Deus supre a nossa fraqueza!

Neste momento, achavam-se apenas ela, *Maria Ximenes Cronel*, a *Condessa Leonor Afonso* e a menina, no amplo aposento de dormir. As demais aias, podres de sono e de cansaço, já haviam sido despachadas aos seus respectivos aposentos, a fim de se jogarem na cama, altamente extenuadas até a alma. Enquanto a *Condessa Afonso* preparava o enorme leito senhorial, guarneecendo-o de pesadas cobertas de lã, a outra aia principiava a desnudar *Isabel*.

– Sabes, *Ximena*, vovô disse-me, ontem de manhã, que já pensam em casar-me! – exclama a princesinha de Aragão, levantando os braços, para que a aia lhe subtraísse, por cima da cabeça, o pesado e complexo conjunto de roupas que a menina, obrigatoriamente, tinha de envergar, a começar pelo denso manto de veludo púrpura, todo bordado com fios de ouro, em intrincados e esplêndidos arabescos; depois, o longo vestido de seda branca, ricamente bordado com motivos florais, em finíssimos aljôfares de âmbar; a seguir, uma sucessão de combinações e de saiotes de linho alvíssimo e, por fim, os panos íntimos de puríssima cambraia alvinitente...

– Oh, penso que ainda sois por demais novinha, Alteza, para pensardes em matrimônio!... Eu, que já tenho quase dezesseis anos, nem tenho pretendentes ainda!... – observa a aia, bocejando ostensivamente, enquanto desfazia as longas tranças dos cabelos cor de trigo maduro que se achavam metidos por dentro dos *fillets* de tecido dourado. – Tendes seis anos, apenas...

– Quase sete!... – corrige-a *Isabel*. – Em alguns dias, completarei sete anos, e sabes muito bem que as princesas casam-se bem jovencinhas!... – e, depois de cogitar por instantes, com os olhinhos redondos perdidos no espaço, pergunta: – Dize-me, *Ximena*: com quem achas que me casarei?...

– Certamente, com qualquer um desses príncipes que por aí há... – responde a aia, sem muito ânimo. E, após longo e ruidoso bocejo, arremata: – Solteirona é que não morrereis... Isso posso garantir-vos!

– É... Tens razão... – diz *Isabel*, pensativa. E, depois de instantes, emenda: – A menos que eu professe...

– Professardes?!... – espanta-se a aia. – Se disserdes tal coisa diante do rei, vosso avô, matá-lo-eis de susto!... Acaso não sabeis que as princesinhas valem muito para os reinos?... São preciosíssimas!... Mas, casadoiras, Alteza!... Ouvistes bem?... Casadoiras e boas parideiras, preferencialmente, de saudáveis filhos varões, entendestes bem?... E não se tornando madres – que nada valem! –, encerradas em horrorosos conventos!... – e, meneando a cabeça, extremamente amofinada, emenda: – Que desperdício tais ideias!...

– Oh, blasfemas, *Ximena*!... – observa a princesinha, altamente indignada. – Bate na boca!... Como podes dizer tal sandice?... Olha que Deus ainda te castigará, por andares a dizer tantas blasfêmias!... Não sabes que isso é pecado?!...

– Oh, corrijo-me, Alteza!... – apressa-se em dizer a aia. – Quis dizer que princesas que se tornam monjas nada valem aos interesses do reino, entendestes?...

– Entendi...

Isabel mete-se, então, a cogitar, em silêncio, enquanto a aia lhe retirava o derradeiro pano íntimo.

– Não vamos desatar essa coisa, aí, Alteza?... – diz a aia, logo após desnudá-la, completamente, a apontar para o cordão de couro cru, cheio de nós, que cingia os quadris da menina.¹⁶ E, firmando os olhos, à fraca

16. Por essa época, era comum as pessoas fazerem uso do *cilício*, cinto ou cordão, de crina, de lã áspera, às vezes com farpas de madeira ou mesmo de couro cru, com pequenos nós que, por penitência, se trazia vestido diretamente sobre a pele. **Isabel de Aragão**, desde muito jovem, já se penitenciava, com o cilício, com jejuns e com intermináveis horas passadas em oração. Tudo isso, certamente, sob o jugo e olhares altamente censuráveis de clérigos católicos que, dessa forma e abaixo de ameaças de castigos e de condenações eternas, subjugavam até mesmo os poderosos da terra.

luz dos candelabros, exclama: – Que horror, senhora!... Vossas carnes estão todas dilaceradas!... Por Deus do céu!... Como conseguis viver com essas coisas aí, a roerem-vos como cães famintos?...

– Se não nos penitenciarmos diante de Deus, *Ximena*, o diabo consume-nos!... É preciso enfraquecer a carne, para que a alma sobreviva pura!... Louvemos a dor, que nos nivela ao pó do chão!... – e se lançando de braços sobre as pedras do piso, prossegue: – Dormirei aqui, *Ximena*... Meu leito anda por demais macio...

A aia olha em derredor, estupefata. Aquela menina surpreendia a todos!... Ainda não completara sete anos de idade e agia e falava como um adulto!... Troca, então, significativo olhar com a outra dama de honor e meneia a cabeça em desaprovação.

– Oh, se vosso real avô disso tomar conhecimento!... – exclama *Maria Ximenes Cronel*, altamente preocupada. – E se adoecerdes, senhora?... Olhai que o chão está gelado!... Certamente, ireis apanhar friagem e aí então!... Jesus Cristo!... Nós é que pagaremos por tudo!... Sabeis como é a mão do rei!... Levaremos toda a culpa!... Por favor, senhora!... Levantai-vos daí e buscai o vosso leito!... – e, passando as mãos pelas confortáveis e aconchegantes cobertas de lã, prossegue: – Vede que macia e quentinha a vossa cama!...

– Deita-te tu, aí, *Ximena*!... – exclama a menina, sem se mexer de onde estava. – Tu é que gostas das coisas boas da vida... E satã também!... Não te esqueças disso, quando estiveres a queimar nas profundezas dos infernos!...

– Cruzes, Alteza!... – exclama a aia, persignando-se. – É isso que me desejais, senhora?

– Por certo que não, *Ximena*!... – diz a menina, com os olhos já a se lhe revirarem às órbitas, cheios de sono. – Se não quiseres que satanás te leve às profundas do inferno, põe o teu cilício, para de pensar nos manjares e nos vinhos da ceia real e naquele jovem moreno e mui guapo, o *Juanito Yañes*, o escudeiro do vovô, e vem deitar-te aqui, ao nosso lado...

– Alteza!...

– Oh, brinco contigo, *Ximena*!... – diz a menina, a rir-se.

A aia senta-se numa cadeira e se põe a pensar, altamente embasbacada. Aquela criaturinha era mesmo de amargar!... Como é que nada lhe

passava despercebido?... Não é que a danadinha capturara os ardorosos olhares que ela, *Maria Ximenes Cronel*, trocara com *Juanito Yañes*, durante o último jantar do qual participaram alguns emissários do rei da França?... Ela, *Maria Ximenes Cronel*, postara-se atrás da princesinha, com o propósito de auxiliá-la, durante o repasto, e ele, *Juanito Yañes*, mantinha-se de pé, ao lado do rei, a atender-lhe às mínimas solicitações. E, enquanto os comensais se deliciavam com o banquete, ela e *Juanito Yañes* devoravam-se com os olhos!... Oh, como aquele mancebo era lindo!... Quantos anos teria?... Dezenove?... Vinte?... Tão forte e tão viril!... Ah, *Juanito Yañes*!...

– *Ximena*!... – reacende-se a menina, de inopino.

– Hã?!... – assusta-se a aia, despencando, abruptamente, do seu devaneio. – Que desejais, Alteza?...

– Matraqueaste tanto que quase nos fazias esquecer de orar!... Que falta grave, *Ximena*!... Deveras imperdoável!... Ia dormir, sem fazer a derradeira oração!... Ainda bem que me lembrei a tempo! – e, levantando-se, ligeira como uma lebre, põe-se de joelhos e ordena: – *Ximena, Condessa Afonso*, vamos!...

As duas aias entreolham-se, às raias do desespero. Que remédio?...

– *Ave, Maria, gratia plena*... – as vozes das três mulheres misturam-se num pequeno coro, diante do riquíssimo oratório, onde a Virgem achava-se entronada.

As horas passavam, o sono fazia toscanejarem as duas mulheres, altamente extenuadas.

– *Sancta Maria, mater Dei*... – prosseguia *Isabel*, incansável.

Por fim, a interminável reza chega ao fim. *Maria Ximenes Cronel* transpassava pelo excesso de cansaço; tinha as pernas dormentes de tanto ficar ajoelhada sobre o frio chão de pedras que não conseguia levantar-se. Literalmente, travara-se.

– Não vais dormir, *Ximena*?... – diz a menina, lépida, voltando a deitar-se sobre o chão frio. – A reza já acabou!... Ou vais continuar aí, a pensares no *Juanito*?...

– *¡Dios me 'n guarde!*¹⁷ – exclama a aia, extremamente espantada.

– Estarei enganada, *Ximena*? – pergunta *Isabel*, rindo-se.

17. “– *Deus me livre!*”, em aragonês.

A aia nada responde. Estupefazia-se. Como é que a danadinha adivinhava, assim, o pensamento dos outros?!... Era bem verdade aquilo. No meio das orações, seus olhos encontravam-se presos à figura da Virgem Mãe, que se achava no oratório da princesinha, mas seu pensamento via outro rosto: *Juanito Yañes*. Mas que danadinha!... Ainda abobada, a jovem dama de honor espia a menina que já dormia, a pregas soltas, sobre as pedras do chão frio, vestida apenas com a camisola de cetim branco.

– *Ixa gata ye prou farta, ni cosa no ha quiesto minchar...*¹⁸ – murmura *Maria Ximenes Cronel*, enquanto olhava para a princesinha que já ressonava como um anjo. – Como será isso possível?... Nada comeu durante o dia todo!... – e, apertando forte o estômago com a mão, prossegue: – Enquanto que eu me sinto desfalecer de tanta fome...

A *Condessa Afonso* gemeu alto, a cabecear, tonta de sono, sentada numa poltrona. *Maria Ximenes Cronel*, procurando esquecer-se das dores que lhe proporcionavam o estômago, a exigir-lhe, urgentemente, a ingestão dalgum alimento, apanha, então, grossa coberta de lã e cobre *Isabel*, delicadamente. A menina suspira fundo e prossegue dormindo, sentindo-se mais confortada. Neste ínterim, após forte toscanejamento, a *Condessa Afonso* abre os olhos, assustada, e boceja ruidosamente. As mulheres entreolham-se. A tarefa de ambas ainda não se findara. Era preciso aguardar, pacientemente, que a menina caísse em sono profundo para, mesmo à revelia da danadinha, instalarem-na no leito. E, para matarem o tempo, entabulam conversa aos cochichos.

– Pobre criança... – murmura *Maria Ximenes Cronel* para a outra aia, bem mais velha que ela, e que sempre a auxiliara a servir a princesinha de Aragão, posto que ambas lhe eram as mais próximas e haviam recebido tal incumbência, diretamente do rei, à falta da mãe da menina que ali não se achava para tais misteres.¹⁹ – Não achais que *Isabel* é uma pessoinha especial?

18. “– *Esta gata está saciada; nada quis comer...*”, em aragonês.

19. Os pais de **Isabel**, o futuro rei de Aragão, **Pedro III** e **Constança de Hohenstaufen**, por essa época, viviam em Barcelona, longe da filha, uma vez que o rei **Jaime I** tomara-se de amores por **Isabel**, logo que a menina nascera, e, elegendo-a sua neta favorita, suplicou ao filho e à nora que lhe dessem para criar. Fato curioso é que **Jaime I** e o filho, **Pedro**, herdeiro natural do trono, não se falavam até o nascimento de **Isabel**; o infante, instado pela mãe, **Iolanda da Hungria**, e, depois, pela esposa, afastara-se do pai, fazia anos, uma vez que o rei ainda não decidira quem, efetivamente, sucedê-lo-ia no trono de Aragão: **Pedro** ou **Afonso**, o seu primogênito, nascido de **Leonor de Castela**, sua primeira esposa, desde 1221, mas de quem tivera que se divorciar, pelo não reconhecimento desse casamento, tido como consanguíneo e anulado em 1235, pelo papa Gregório IX. O nascimento de **Isabel** propiciou a reaproximação de **Jaime I** com o filho, fazendo-os reatarem a antiga amizade, rompida fazia já longo tempo.

– Sim, e, certamente, será rainha, como a mãe e a avó – responde a *Condessa Leonor Afonso*, abrindo ligeiro sorriso. – Algum dia reinará sobre muitos, ao lado dalgum nobre senhor; entretanto, a cada dia que passa, tem se portado tão estranhamente!... Anda a revelar-se assaz diferente das demais crianças da sua idade!... Vive a surpreender a todos, com especial vivacidade e com essa inteligência incomum, para tão poucos anos de existência!...

– Sim, condessa! – diz a outra. E prossegue, em voz baixa, para não acordar a menina que, por esse tempo, já ressonava profundamente. – Ouvistes bem o que disse ela sobre mim e *Juanito Yañes*, não?... O que me espanta é que ela esteve de costas para mim, quase que durante o tempo todo, mas, mesmo assim, demonstrou tanta perspicácia a ponto de não perder nenhum dos detalhes que se passava no salão!...

– E percebeste como impressionou os embaixadores franceses com as conversas sérias sobre altos assuntos de Estado?... – observa *Leonor Afonso*. – A fama de nossa *Isabelita* já ganha o mundo!...

– Logo choverão os pretendentes à sua mão!... – diz *Maria Ximenes Cronel*.

– E o que achas que vieram aqui fazer os franceses?... – fala a condessa. – Certamente o rei da França já anda a costurar os seus interesses políticos com os do nosso soberano!... – e, rindo-se para a companheira, prossegue: – Gostarias de morar em França, *Ximenita*?...

– Oh, adoraria!... – exclama a moçoila, com os olhos a inflamarem-se de brilho.

– Pois, se isso, de fato, ocorrer, é para lá que iremos todas, no séquito da princesa!... – exclama a outra.

– É mesmo!... Ainda não tinha cogitado sobre tal coisa!... Todas nós seguiremos *Isabel*, quando se casar!...

– Se ela nos quiser junto de si, é claro!... – corrige a outra. E, fazendo pilhéria com a companheira: – E terás, então, a coragem de largar *Juanito Yañes* para trás?... Não te esqueças de que ele é o escudeiro do rei!... E, além do mais, correrás o risco de tê-lo enroscado nas redes da *Teresa*!...²⁰

20. *Teresa Martins*, uma das inúmeras damas de companhia de *Isabel de Aragão*.

– Ai, que não suporto essa tal!... – exclama a jovem aia, enchendo-se de ódio. – Serei capaz até de abandonar o séquito de *Isabel*; ficarei em Aragão, mas não deixarei o meu guapo guerreiro às sanhas daquela espevitada!...

– Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... – explode a outra numa gargalhada. – Pensa bem!... Se quiseres, falarei à princesa que desejas deixar-lhe o séquito...

– Oh, não!... Não!...

– Pensa bem, *Ximena*!... *Isabel* nem sentirá falta de ti, com tantas aias e damas de honor a lhe engrossarem a comitiva!... Já o talzinho... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Esse não ficará à solta por muito tempo!

– Ssssh!... Ides acordar Sua Alteza, condessa!... – admoesta-a a jovem aia. – Se *Isabel* nos ouve a falar tais coisas!...

– Sim, tens razão!... – diz a outra, mal sofrendo o riso. – Além do mais, já ouço o galo cantar. Deve ser bem tarde, e temos de nos recolher também. Tenho os ossos moídos de tanto ficar de joelhos, a rezar... Acho que já rezei tanto que, se pecar até o fim da minha porca vida, ainda assim e, mesmo a contragosto, irei dar com os meus cornos no paraíso!... – e, suspirando, prossegue! – Vem, coloquemos *Isabel* no leito.

Em seguida, jeitosamente, ambas as aias tomam o corpinho da princesinha e, delicadamente, colocam-no sobre o leito aconchegante e o cobrem com as grossas cobertas de lã. A menina emite profundo suspiro de gozo e, nem por um instante sequer, acorda-se. Pudera, achava-se tão cansada pelas intermináveis horas de oração e de penitência a que se submetera!

As duas mulheres olham-se satisfeitas e, apanhando, cada uma delas, uma vela acesa das muitas que ardiam no grande candelabro de ferro, postado sobre imenso aparador e, pé ante pé, rumam para a porta.

– *¡Güenas nueis, siñá!*...²¹ – murmura *Maria Ximenes Cronel*, já no escuro e silencioso corredor.

– *¡Güenas nueis, Ximena!*... – responde a *Condessa Afonso*.

E, como duas sombras, sem provocarem o mínimo ruído, saem em busca dos seus respectivos aposentos. A noite avançava, e era urgente descansar...

21. “– Boa-noite, senhora!...” , em aragonês.